

A geografia do voto paranaense: análise das eleições governamentais de 2006

Liamar Bonatti Zorzanello¹, Francisco Lima Mota², Alison Diego Buava³

RESUMO

Os pleitos eleitorais são imbricados por relações de poder e revelam a estrutura da sociedade naquele determinado momento. As eleições para o governo do Paraná no ano de 2006 registraram o maior número de candidaturas em comparação aos pleitos anteriores. Essa pluralidade ofereceu aos eleitores mais possibilidades de escolha e dinamizou relações até então estabelecidas. Diante disso, pretende-se analisar a distribuição geográfica do voto paranaense nas eleições governamentais de 2006, relacionando-a com aspectos socioeconômicos e políticos presentes na realidade estadual daquele período, visando entender os mecanismos que levaram Requião e Pessuti à reeleição.

Palavras-chave: Geografia Eleitoral; Voto; Coligações; Política; Poder.

ABSTRACT

Electoral contests are interwoven with power relations and reveal the structure of society at a given moment. The 2006 gubernatorial elections in the state of Paraná recorded the highest number of candidates compared to previous elections. This plurality offered voters more options and brought dynamism to previously established political relations. This study aims to analyze the geographical distribution of votes in the 2006 Paraná state elections, relating it to the socioeconomic and political aspects present in the state at that time, in order to understand the mechanisms that led to the re-election of Requião and Pessuti.

Keywords: Electoral Geography; Vote; Coalitions; Politics; Power.

¹ Liamar Bonatti Zorzanello é professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Campus Gaspar. É doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR). Integrante do Grupo de Pesquisa Redes de Poder, Migrações e Dinâmicas Territoriais (GEPES). E-mail: liamar.zorzanello@ifsc.edu.br

² Francisco Lima Mota é professor do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) - Campus Grajaú/MA. É doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro/PR). Integrante do Grupo de Pesquisa Redes de Poder, Migrações e Dinâmicas Territoriais (GEPES). E-mail: franciscocesiema@gmail.com

³ Alison Diego Buava é acadêmico de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Campo Real - Câmpus Guarapuava. Atualmente é bolsista de iniciação científica pela Fundação Araucária desenvolvendo pesquisas no Grupo de Pesquisa Redes de Poder, Migrações e Dinâmicas Territoriais (GEPES), tratando de temas como arquitetura hostil e aporofobia. E-mail: buavadiagoalison@gmail.com

Agradecemos ao servidor do IPARDES, Julio Cesar de Ramos, pela produção cartográfica e pelo georreferenciamento dos dados utilizados neste artigo

Introdução

As relações entre diferentes grupos e/ou indivíduos sempre se constituem em relações de poder, sejam elas de cunho político, econômico ou social. Assim, as eleições são momentos essenciais para entender as dinâmicas de poder entre diferentes grupos sociais e políticos. A análise geográfica do voto permite investigar como essas relações se manifestam espacialmente, revelando preferências eleitorais e influências históricas, sociais e econômicas.

Este trabalho visa analisar a distribuição geográfica do voto paranaense nas eleições governamentais de 2006, relacionando-a com aspectos socioeconômicos e políticos presentes na realidade estadual do período. Os mapas constituem ferramentas importantes para a análise da ciência geográfica e, neste trabalho, são indispensáveis para estabelecer relações e espacializar dados eleitorais que, se tomados em sua forma bruta, não revelariam os cenários aqui apresentados.

Entendemos que toda dinâmica que revela a relação entre o eleitor e seu processo de escolha adquire uma dimensão espacial própria entre as várias regiões. Ou seja, a chamada Geografia do Voto assume um papel importante nesse contexto e, nem sempre, assistimos uma homogeneidade de fatores de escolhas entre várias porções do território nacional.

A importância da espacialização do voto

Os processos eleitorais, as coligações, a espacialização do voto, o comportamento de determinados territórios são campos de análise da Geografia, especialmente aquela conhecida como Geografia Eleitoral ou do Voto. As eleições já são objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a ciência política, mas intrínseco à Geografia está a cartografia, indispensável para a elaboração de mapas, os quais podem revelar a espacialização do voto, permitindo análises territoriais e espaço-temporais que os números divulgados pela Justiça Eleitoral não seriam capazes de proporcionar.

A cartografia amplia as possibilidades de entendimento dos fenômenos, da relação entre os fatos, os efeitos e casualidades, dando maior concretude a situações que poderiam parecer puramente abstratas e difíceis de compreender. Entretanto, utilizar-se

de mapas ou qualquer outro produto cartográfico requer domínio da linguagem cartográfica, que vai além das cores e símbolos, como projeções, dimensões e localização. De fato,

Para muitos, pode parecer relativamente simples a confecção de mapas e cartas sobre temas variados, muitos dos quais ostentando símbolos e cores em profusão, dadas as amplas facilidades oferecidas atualmente pelos sistemas digitais. Quando, entretanto, o objetivo é o de utilizar-se da cartografia enquanto recurso de interpretação, pelo qual tenta-se apreender e expressar idéias, conceitos, teorias, e a inteligibilidade de processos complexos, procurando representá-los em seus significados diversos e principalmente em suas relações, projeções, tendências e movimentos dominantes, então estamos diante não de uma técnica dentre tantas disponíveis, mas de um método que é certamente o mais genuíno e sofisticado dentre os instrumentos de análise de que dispõem os geógrafos para fazer a sua particular leitura do mundo, das regiões e dos lugares (Costa, 2004, p.7).

Utilizar mapas para espacializar dados e/ou informações referentes às eleições é um modo de territorializar as decisões tomadas em diferentes lugares. Isso contribui para que as interpretações dos fatos e fenômenos estejam alinhadas com a realidade que as gerou.

Por exemplo, com os mapas, é possível verificar se os municípios com base agrícola tendem ao eleitor A ou B, ou qual a tendência ditada pelos grandes centros urbanos. Deste modo, entende-se que:

Mapa e texto são indissociáveis e ambos são indispensáveis. Apoiam-se mutuamente, pois um revela configurações territoriais invisíveis na tabela estatística, enquanto o outro promove a relação dessas configurações com os processos que lhes deram nascimento. Os processos sociais, seus atores e as suas lógicas não aparecem no mapa, mesmo se o determinam, mas eles têm uma dimensão espacial - que o mapa revela - uma vez que o controle do território é frequentemente um dos objetivos e uma das dimensões essenciais das relações sociais. Busca-se, nos contrastes ressaltados pelos mapas, encontrar as chaves para explicitar as dinâmicas territoriais (Théry; Mello-Théry, 2015, s.p.).

Assim, ao aliar a cartografia ao avanço tecnológico dos sistemas de georreferenciamento e à qualidade dos dados eleitorais disponibilizados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pode-se produzir materiais relevantes e que potencializam as análises espaciais do voto e dos demais elementos e relações tangíveis às eleições.

Dessa forma, a Geografia do Voto, em suas múltiplas abordagens, fornece uma leitura bastante precisa sobre as dinâmicas territoriais que envolvem as eleições, o voto, as coligações, os partidos e candidatos. Aliando isso aos índices socioeconômicos e políticos dos países, estados e municípios envolvidos nessas dinâmicas, revelam-se dados valiosos para uma análise geográfica e cartográfica assertiva, considerando o período e a escala em que as análises são aplicadas.

O contexto paranaense perante as eleições governamentais de 2006

A partir de 1932, as eleições no Brasil passaram a ser regulamentadas pela Justiça Eleitoral, instituída pelo Decreto nº 21.076/1932, mas foram extintas em 1937, com o Estado Novo, regime autoritário imposto por Getúlio Vargas. Com a recriação da Justiça Eleitoral em 1945, o país realizou diversas eleições até a interrupção pelo Regime Militar em 1964. Um marco importante ocorreu em 1950, quando o Brasil sincronizou, nesta eleição, a disputa para os cargos do Executivo e Legislativo Federal (presidente, vice-presidente, senadores e deputados) e do Executivo e Legislativo Estadual (governadores, vice-governadores e deputados).

Esta sincronicidade só voltou a ocorrer em 1994 (pós 1988). A experiência da Constituição de 1946 permitiu às unidades federativas definir o tempo do mandato dos governadores, determinou que as eleições para o Congresso Nacional fossem realizadas a cada 4 anos e estabeleceu que o mandato do presidente e do vice-presidente seria de 5 anos, sem possibilidade de disputar a reeleição no exercício do mandato. Assim, nas eleições subsequentes de 1954, 1958 e 1962, os eleitores e eleitoras escolheram os representantes para o Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas estaduais.

Nas eleições de 1955 e 1960, foram eleitos presidentes, vice-presidentes e governadores em vários estados, consolidando o processo eleitoral democrático, que se manteve em expansão até o golpe militar de 1964. A Constituição Estadual de 1947 não criou no Paraná o cargo de vice-governador, que foi instituído em fevereiro de 1964. Em 1965, já sob a ditadura militar, houve eleições diretas para governador em alguns estados, incluindo o Paraná, onde ocorreu a disputa entre Paulo Pimentel e Bento Munhoz da Rocha Neto, com a escolha do primeiro.

Após o período democrático de 1945 a 1964, o Regime Militar instaurado restringiu a participação popular, e as eleições para cargos de governador passaram a ser indiretas. Entre 1971 e 1982, o Paraná teve governadores escolhidos pela Ditadura Militar e aprovados pela Assembleia Legislativa, como Haroldo Leon Peres, Pedro Parigot de Souza, Mansur Junior, Jayme Canet Junior e novamente Ney Braga. Somente em 1982 os estados voltaram a eleger seus governadores por meio do voto direto. Em 1989, a redemocratização permitiu a retomada das eleições diretas também para a Presidência da República.

No período de redemocratização do país, José Richa ganha evidência em solo paranaense, enquanto a influência e domínio de Ney Braga diminuem. Porém, foi em 1962, que pela primeira vez, então filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), elegeu-se deputado federal pelo Paraná. Mantém-se como deputado federal no pleito subsequente, alinhando-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Depois torna-se prefeito de Londrina em 1972 e senador em 1978. Em 1982, é eleito governador do Paraná e, por fim, retorna ao Congresso como senador.

Dentre diversos pontos que podem ser ressaltados de sua história política, atentamos a dois deles: a fundação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), simbolizando o fim do período militar, e o impulso dado à ascensão de novas figuras ao cenário político paranaense. Deste modo,

Praticamente todos os grandes nomes da política majoritária no Paraná, salvo Lerner e seu grupo, são herdeiros políticos de José Richa que governou o Paraná de 1983 até 1986. Requião ao seu lado (eleito Deputado Estadual), Álvaro Dias (eleito Senador), Osmar Dias (Presidente da Companhia Agropecuária de Fomento Econômico do Estado do

Paraná); Flávio Arns (Diretor do Departamento de Educação Especial da Secretaria de Educação) são alguns deles. [...] Após o final do governo de José Richa não havia espaço para esses jovens políticos em um único partido. Depois de muitas idas e vindas, Requião manteve-se no PMDB, Álvaro e Osmar transitaram ora no PDT, ora no PSDB, alternadamente (Barros, 2010, p.7).

Com o mandato de governador (1983-1986) de José Richa prestes a terminar, ele se lança candidato ao Senado Federal. O PMDB escolheu Álvaro Dias para disputar a governança do estado. O ex-deputado federal e senador, na época, forjado politicamente em 1970 em Londrina (mesmo berço político de Richa), encabeça coligação entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Nacionalista Democrático (PND). Ambos lograram êxito, José Richa elege-se como o senador mais votado do Paraná, alcançando pouco mais de 33% dos votos válidos, e Álvaro Dias é eleito governador, obtendo aproximadamente 70% dos votos válidos (TRE/PR, 1986).

A partir da década de 1990, passa a ser comum a presença dos irmãos Dias tanto nas eleições para o senado quanto para o Governo do Estado, mas em outros partidos, com um equilíbrio de forças entre o PMDB e outros candidatos da direita tradicional, o PT periférico, angariando o voto de esquerda e a identificação de dois grupos rivais: o Requianismo e Lernismo.

Em 1990, o ex-prefeito de Curitiba, Roberto Requião de Mello e Silva (PMDB) foi apoiado por Álvaro e venceu no segundo turno após uma disputa acirrada com José Carlos Martinez. Nas eleições de 1994, Álvaro Dias, filiado ao Partido Progressistas (PP), tentou voltar ao governo, mas perdeu para Jaime Lerner, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), ainda no primeiro turno. Já Requião (PMDB) e Osmar Dias (PP) foram eleitos para o Senado Federal.

Em 1998, Jaime Lerner, filiado ao Partido da Frente Liberal (PFL), foi reeleito no primeiro turno, derrotando Requião (PMDB). Álvaro Dias (PSDB) também foi eleito senador. É importante destacar que Jaime Lerner não pertencia ao grupo político de Richa, tendo assumido a prefeitura de Curitiba tanto por meio do Regime Militar quanto pelo voto democrático, sendo um

contraponto ao ex-governador e ao PMDB, liderado por Roberto Requião.

O segundo governo de Jaime Lerner terminou com uma má avaliação, enfraquecendo politicamente seu grupo. Por isso, não houve apoio ou candidato governista apoiado por Lerner. A liderança de Lula nas eleições presidenciais de 2002 e seus palanques também influenciaram as eleições estaduais. Nesse cenário, os ex-aliados Álvaro Dias (PDT) e Roberto Requião (PMDB) disputaram o Governo do Estado, junto com outras figuras políticas de expressão, como Rubens Bueno (PPS), Roque Zimmermann (PT) e Beto Richa (PSDB), projetando seu nome para a disputa da prefeitura de Curitiba em 2004. Álvaro buscou o voto dos eleitores de centro-direita, enquanto Requião alinhou sua imagem com Lula e apostou no voto casado. Requião venceu pela segunda vez, sendo essa a última vez que Álvaro disputou o governo. Para o Senado, Osmar Dias (PDT) foi eleito, consolidando a importância política da família e seus votos espalhados pelo estado, enquanto Flávio Arns (PT), com passagem por outros partidos, foi impulsionado pelo momento político do país e pela influência do voto em Lula.

Outra característica paranaense é a tradição de ex-governadores conquistarem cadeiras para o senado. Como o mandato é de 08 anos, permite disputas para o Governo do Estado no meio do mandato de senador. Requião em 1998, Álvaro Dias em 2002, Osmar Dias em 2006. Este breve histórico resgatou os passos dos “herdeiros políticos de José Richa” (Barros, 2010). Evidentemente, em cada pleito eleitoral outras figuras e partidos se faziam presentes, mas não lograram êxito, exceto como deputados estaduais e federais.

Agora nos deteremos a averiguar com mais intensidade as eleições de 2006, ano dessa eleição tão disputada, com um Paraná tão dividido. A espacialização dos votos mostrou, nos votos dados a Requião (PMDB), Osmar Dias (PDT), Flávio Arns (PT), Rubens Bueno (PPS) e outros, diferenças regionais, entre a capital e o interior, as características dos votos dos médios centros, além do comportamento do eleitor dos pequenos municípios. Reiteramos que os candidatos registrados para concorrer ao Governo do Estado no pleito de 2007-2010 enfrentam um Paraná permeado por desigualdades, revelando um:

[...] quadro típico de subdesenvolvimento. Nesses espaços, desenrolam-se marcantes interesses sociais, onde o econômico e o político se fusionam. As diferentes espacialidades são produtos dessas articulações, não sendo estáticas, mas se engendrando constantemente no espaço, com conexões resultantes de fatores hegemônicos e de ações do Estado (IPARDES, 2006, p. 9)

A inserção do Paraná na dinâmica nacional e internacional ocorria, sobretudo, por meio do sistema rodoviário, com três eixos de destaque: Paranaguá - Ponta Grossa, polarizado pela região metropolitana de Curitiba; no norte central, com ênfase em Londrina e Maringá; e, no oeste, partindo de Cascavel em direção a Foz do Iguaçu e Marechal Cândido Rondon. As demais regiões ou exercem funções mais especializadas ou estão à margem da dinâmica econômica e política (IPARDES, 2006). Cabe lembrar, que a aparelhagem do território paranaense por sistemas técnicos não é igualitária, quicá equânime, o que dificulta a participação de muitas localidades nas dinâmicas nacionais e internacionais e condiciona seu papel na divisão social do trabalho.

O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) regionaliza o Paraná em espaços de relevância, conforme o grau de dinamismo econômico, político, social, a posição ocupada na divisão do trabalho e o poder de tomada de decisões, assim como de influenciar seu entorno e as demais escalas. Isso nos proporciona uma ideia de como estava ancorada a organização econômico-espacial do Paraná em 2006 e, consequentemente, das potencialidades, desafios e heterogeneidade de realidades que os candidatos ao Governo do Estado se depararam durante a campanha eleitoral e assumiram ao ganhar o pleito 2007-2010.

Posto isso, salienta-se que em 2006 a região metropolitana de Curitiba e a extensão formada entre Ponta Grossa-Paranaguá constituíam o principal elo entre o Paraná e as escalas nacional e internacional. Este espaço era visto como de máxima relevância, pois concentrava as atividades econômicas mais especializadas, dotadas de técnica, informação e inovação, sendo o centro das decisões políticas, econômicas e sociais, regendo o capital e baliando os investimentos dos agentes hegemônicos.

Como espaço de elevada relevância, destacavam-se os eixos Londrina-Maringá e Cascavel-Foz do Iguaçu-Marechal Cândido Rondon. O primeiro eixo se caracterizava por uma produção especializada e diversificada, mas apresentava “uma distância abismal nos volumes de geração de riquezas, ativos institucionais, e na diversidade de opções produtivas, de comércio e de serviços” (IPARDES, 2006, p. 11) em relação a Curitiba e seus entornos. Já o eixo Cascavel-Foz do Iguaçu-Marechal Cândido Rondon possuía uma dinâmica econômica menor do que os anteriores, mas com forte destaque para as atividades ligadas ao setor agroindustrial e aos serviços. Outro fator que agregava à região era:

Sua posição fronteiriça, cuja centralidade se manifesta fundamentalmente em Foz do Iguaçu, assegura-lhe o desempenho de funções importantes nas relações internacionais, comércio e turismo, elevando seu peso na geração de riquezas e estreitando vínculos do Paraná com os países do Mercosul (IPARDES, 2006, p. 12).

Como espaços de média relevância destacavam-se 82 municípios, concentrados nas seguintes regiões: centro-oriental, devido à atividade papeleira; noroeste, especialmente em Umuarama, Paranavaí e Cianorte e suas proximidades, com atividades agropecuárias; sudoeste, com o predomínio de atividades agropecuárias, baseadas na inovação e diferenciação de produtos deste setor; e, Guarapuava, Irati e Campo Mourão, que também possuem base agropecuária, mas também funcionam como receptáculo da produção advinda dos entornos. São locais com baixa capacidade de geração de emprego, renda e consumo e não conseguindo absorver toda a mão de obra existente nestas regiões. Em alguns casos, possuem relações exteriores, mas pouca sinergia regional.

As regiões de divisas do estado, seja com Santa Catarina ou o do Norte Pioneiro com São Paulo, são entendidas como espaços de mínima relevância. Na porção mais ao sul destacam-se atividades extrativistas, enquanto, ao norte, o legado cafeeiro. No entanto, não apresentam dinamismo econômico, o que reflete nas questões sociais. Entretanto, a maioria dos municípios, 282 deles, se encaixam como espaços socialmente críticos, pois não dispõem de indicadores, densidade ou concentração econômica de

relevância e são marcados pela precariedade social. Representam essa categoria muitos dos municípios localizados na porção central do Paraná, bem como no Vale do Ribeira e em Guaraqueçaba.

Estes últimos espaços, socialmente mais críticos⁴ e economicamente menos dinâmicos, técnicos e inovadores, em sua maioria enfrentam limitações físicas e naturais, além de entraves, inclusive os políticos, como a pouca representatividade, o que dificulta o aparelhamento de seu território e a busca por outras formas de inserção na divisão social do trabalho.

[...] a integração do Paraná à dinâmica da economia do Brasil e, com este, à do mundo dá-se heterogeneamente, tornando mais ou menos integradas as partes de seu território. A heterogeneidade percebida resulta do movimento do capital no espaço, buscando mercados, selecionando localizações, excluindo segmentos ou municípios, enfim organizando, a seu modo, a distribuição da atividade econômica, diversificando, especializando, e até mesmo relegando (IPARDES, 2006, p. 16).

Os espaços com maior presença e circulação do capital se consagram como os espaços do mandar, em detrimento dos demais, que se tornam os espaços do fazer. Os primeiros emanam das tarefas, os outros as cumprem. Assim, revela-se um Paraná fruto de um modelo de produção concentrador, seletivo e excludente, que adentrou a divisão social do trabalho por seus recursos naturais, depois por sua capacidade agroindustrial e, por ora, procura incorporar atividades industriais modernas e de relevância internacional.

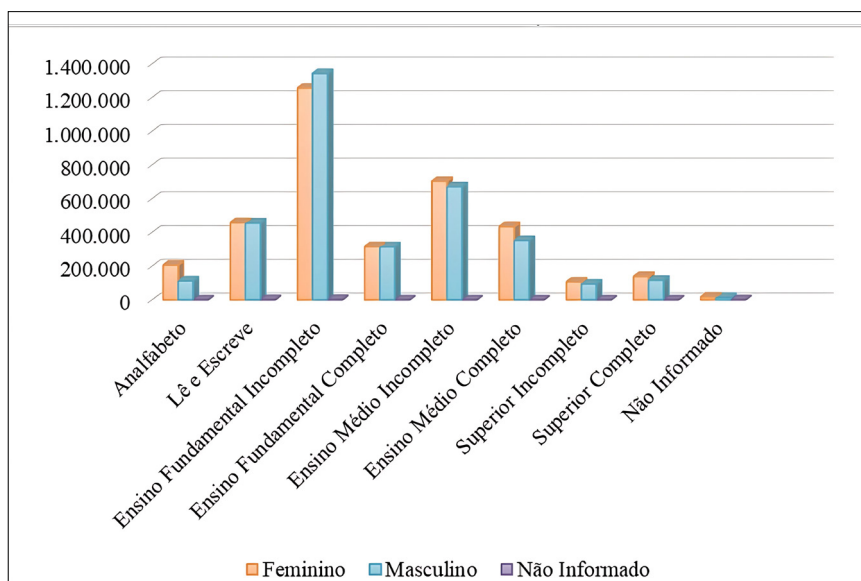
A população paranaense estimada para o ano de 2006 era de 10.387.378 (IPARDES, 2006), sendo que 7.121.257 eram eleitores, dos quais 3.636.681 eram do sexo feminino, 3.474.964 do sexo masculino, e sobre 9.612 não havia informações (TRE/PR, 2006). O eleitorado feminino representava 51% do total, enquanto o masculino correspondia a 49%, e os que não dispunham de informações sobre o sexo correspondiam a menos de 1% (0,13%).

⁴ Termo utilizado pelo IPARDES em 2006 para descrever/espacializar as regiões paranaenses de acordo com a realidade econômica e social aferida.

Quanto ao grau de escolaridade dos eleitores paranaenses, conforme gráfico 1, observa-se que 319.528 são declarados como analfabetos, 916.857 sabem ler e escrever, 2.602.183 possuem ensino fundamental incompleto e 631.842 concluíram essa etapa. Além disso, 1.375.321 não terminaram o ensino médio, ao passo que, 786.908 o concluíram. Quanto ao ensino superior, 200.453 ainda não haviam completado, mas 255.755, sim. Ainda havia 32.410 eleitores dos quais não se possuía informações sobre seu grau de escolaridade (TRE/PR, 2006).

De modo geral, o gráfico 1 revela que os eleitores, em sua maioria, dominavam algum conhecimento escolar, pois 4.150.882 deles declararam saber ler, escrever ou ter frequentado o ensino fundamental, o que correspondia a 58% do eleitorado. Já 2.618.437 eleitores haviam frequentado o ensino médio ou superior, ou seja, 37% deles. Os outros 5% correspondiam a analfabetos ou àqueles que não informaram seu grau de escolaridade.

Gráfico 1 - Escolaridade do eleitorado paranaense, 2006



Fonte: TRE-PR (2006). Organização: Autores (2024).

Se essa análise for realizada de acordo com o sexo declarado, 18% das mulheres se declararam ser analfabetas ou afirmaram saber apenas ler e escrever. Entre os homens, esse percentual foi

de 16%. Quanto ao ensino fundamental, 48% dos homens e 43% das mulheres disseram ter chegado a este nível de ensino, embora a maioria não tenha conseguido completá-lo. Entretanto, mais mulheres chegaram ao ensino médio e superior: respectivamente 31% e 7% do eleitorado feminino atingiu esses níveis de ensino. Dentre os homens, 29% deles atingiram o ensino médio e 6% o superior.

Curitiba, capital do estado, destacava-se por abrigar 1.217.263 eleitores, o maior número entre todos os municípios. Na sequência estavam Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu, Cascavel, São José dos Pinhais, Colombo e Guarapuava, que possuíam mais de cem mil eleitores cada. Somados, apresentaram um total de 1.491.369 eleitores, o que corresponde a 21% do eleitorado. Somente Curitiba corresponde a 17%, e, se acrescida de sua região metropolitana, esse total sobe para 29%.

Estes dados demonstram o peso dos principais colégios eleitorais do estado, revelando a importância da capital neste contexto e a clivagem que pode derivar dela e de sua região metropolitana. Outro recorte que provoca uma significativa clivagem seria o eleitorado de Curitiba, Londrina e Maringá; estes três municípios juntos equivalem a 25% do eleitorado. Diante disso, percebe-se que os espaços de máxima e elevada relevância, especialmente econômica, possuem grande impacto sobre os resultados das eleições, enquanto os pequenos municípios, em sua maioria espaços socialmente e economicamente críticos, pouco conseguem influenciar esses resultados, o que pode desestimular muitos candidatos a investir neles.

O Paraná em foco: análises e contrapontos das eleições governamentais de 2006

Nas eleições de 2006, foram registradas 11 chapas (governador/vice-governador) para disputar o governo do Paraná, dentre as quais se destaca a de Roberto Requião e Orlando Pessuti, que concorriam à reeleição. Essa eleição também se destaca pela presença de três "herdeiros políticos de José Richa" (Barros, 2010, p.7): Flávio Arns, Osmar Dias e Roberto Requião. Já Álvaro Dias optou por concorrer ao Senado.

A Tabela 1 demonstra o cenário político construído para disputar o pleito eleitoral de 2006, considerando os candidatos ao governo, seus respectivos vices, partidos e coligações formadas.

Tabela 1 - Candidatos do Governo do Paraná, eleições de 2006

Candidato ao Governo/Partido	Candidato ao Vice-Governo/Partido	Coligação
Ana Lúcia C. Branco Pires/PRTB	Cristiane Margaridi/ PRTB	Sem coligação
Antônio Jorge Melo Viana/PV	Edna Belini/ PV	Sem coligação
Antônio Roberto Forte/PSL	Sandra de Paula/ PSL	Sem coligação
Flávio José Arns/PT	Vitor Hugo Burko/ PL	Paraná Unido (PT / PHS / PL / PAN / PRB / PC do B)
Ivo José de Oliveira de Souza/PCO	Mauri de Souza/ PCO	Sem coligação
Jorge Luiz de Paula Martins/PRP	Acácio de Oliveira/ PRP	Sem coligação
Luiz Adão Marques/PSDC	Regiany Pavese/ PSDC	Sem coligação
Luiz Felipe Bergmann/PSOL	Wilson Previdi/ PCB	Frente de Esquerda do Paraná (PSTU / PCB / PSOL)
Osmar Fernandes Dias/PDT	Derli Donin/PP	Paraná de Verdade (PP / PDT / PTB / PTN / PMN / PTC / PSB / PRONA / PT do B)
Roberto Requião de Mello e Silva/ PMDB	Orlando Pessuti/PMDB	Paraná Forte (PMDB / PSC)
Rubens Bueno/PPS	Marcelo Puppi/ PFL	Voto Limpo (PPS / PFL)

Fonte: TSE (2006); **Organização:** Autores (2024).

Ana Lúcia Pires e Cristiane Margaridi, ambas do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), não contaram com coligação para disputar as eleições governamentais. O mesmo ocorreu com Antônio Jorge Viana e sua vice Edna Belini, que concorriam pelo Partido Verde (PV). Antônio Forte e Sandra de Paula também não dispunham de coligação, mas contavam com o apoio de Luciano Bivar e Américo de Souza, então candidatos à presidência do país, ambos filiados ao Partido Social Liberal (PSL).

Flávio Arns (PT) e Vitor Hugo Burko (PL) concorreram pela coligação “Paraná Unido”, composta pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Liberal (PL), Partido Republicano Brasileiro (PRB), Partido Humanista da Solidariedade (PHS), Partido Aposentado das Nações (PAN) e pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B). Além disso, trabalhavam em conjunto com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que concorria à reeleição da presidência do país.

A chapa formada por Luiz Adão Marques e Regiany Pavese, ambos do Partido Social Democrata Cristã (PSDC), não contava

com coligação estadual, mas trabalhavam em conjunto com o candidato à presidência José Maria Eymael, também do PSDC. Ivo José de Souza e Mauri de Souza do Partido da Causa Operária (PCO) não dispunham de coligação estadual e nem de apoio de um presidenciável, uma vez que, a candidatura de Rui Costa Pimenta, representante do PCO, foi indeferida pelo TSE. Já Jorge Martin e Acácio de Oliveira do Partido Republicano Progressista (PRP) não desfrutavam de coligação nem apoio de presidenciáveis.

Luiz Bergmann e Wilson Previdi, ambos do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), contavam com auxílio da coligação “Frente de Esquerda do Paraná”, fruto da junção do PSOL, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, trabalhavam em conjunto com a candidata à presidência, Heloísa Helena (PSOL). Osmar Dias (PDT) e Derli Donin (PP) trabalhavam com o apoio da chapa de presidenciáveis Cristovam Buarque e Jefferson Peres, ambos do PDT, e o com a coligação “Paraná de Verdade”, composta pelo Partido Progressistas (PP), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Trabalhista Nacional (PTN), Partido da Mobilização Nacional (PMN), Partido Trabalhista Cristão (PTC), Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) e pelo Partido Trabalhista do Brasil (PT do B).

Os candidatos à reeleição do governo estadual, Roberto Requião e Orlando Pessuti, contavam com o apoio da coligação “Paraná Forte”, formada pelo Partido Social Cristão (PSC) e pelo PMDB, partido aos quais ambos eram filiados. Já Rubens Bueno e Marcelo Puppi coligaram-se sob a denominação “Voto Limpo”, composta pelo Partido Popular Socialista (PPS)⁵ e pelo Partido da Frente Liberal (PFL), partido aos quais, respectivamente, eram filiados. O apoio nacional demorou um pouco para ser declarado, mas foi para a chapa de Geraldo Alckmin (PSDB) e José Jorge (PFL).

Em suma, pode-se constatar que as eleições de 2006 revelaram uma grande centralidade de votos, uma vez que, ao contar com onze candidatos participando do primeiro turno, apenas quatro deles - Requião, Osmar Dias, Flávio Arns e Rubens Bueno - angariaram 98,8% dos votos válidos. A novidade ficou por conta do

⁵ Atualmente, o Partido Cidadania.

PSOL, que estreou nessa disputa governamental e captou mais de 14 mil votos (Barros, 2010).

Por fim, observa-se que as eleições de 2006 no Paraná foram marcadas por uma ampla diversidade de candidaturas e coligações, refletindo o pluralismo político do estado. A presença de várias chapas sem coligações estaduais, bem como a articulação entre candidatos estaduais e presidenciais, evidencia a complexidade das estratégias políticas adotadas. A disputa também destacou a importância de alianças e apoios partidários para fortalecer as campanhas, demonstrando a dinâmica e a competitividade do cenário eleitoral paranaense.

Primeiro turno: a espacialidade do voto

Antes de adentrar a análise dos votos recebidos pelos dos candidatos, assim como dos votos brancos, nulos e as abstenções, apresentaram-se dados referentes à distribuição do eleitorado e dos votantes por classe de tamanho. Esses dados auxiliam na criação de conexões entre os votos recebidos pelos candidatos, o percentual atingido e o tamanho dos colégios eleitorais.

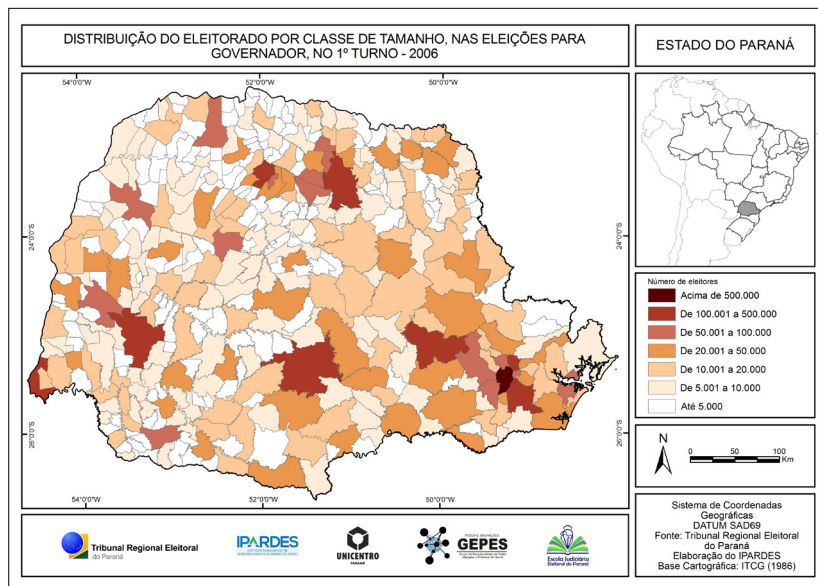
A Figura 1 representa a distribuição do eleitorado por classe de tamanho. Nota-se que o maior colégio eleitoral é Curitiba, contabilizando 1.217.263 votantes. Na classe seguinte, entre 100.001 e 500 mil votantes, têm-se os municípios de Londrina com 332.086 votantes – o segundo maior colégio eleitoral –, seguido por Maringá com 226.025, Ponta Grossa com 204.026, Foz do Iguaçu 178.749, Cascavel com 177.768, São José dos Pinhais 143.945, Colombo 120.274 e Guarapuava com 108.496 votantes.

Quatorze municípios integram a terceira classe, de 50.001 a 100 mil votantes, sendo eles: Paranaguá, Apucarana, Pinhais, Araucária, Toledo, Campo Largo, Araongas, Umuarama, Cambé, Campo Mourão, Paranavaí, Francisco Beltrão, Sarandi e Almirante Tamandaré.

No estrato de 20.001 a 50 mil votantes, há 40 municípios. Outros 70 municípios possuem um número de votantes entre 10.001 e 20 mil, enquanto 110 municípios incorporam a classe de 5.001 a 10 mil votantes.

A classe com menos de cinco mil votantes é composta por 156 municípios, sendo Nova Aliança do Ivaí e Jardim Olinda aqueles com os menores números, registrando, respectivamente, 1.136 e 1.267 votantes.

Figura 1 - Distribuição do eleitorado paranaense por classe de tamanho, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

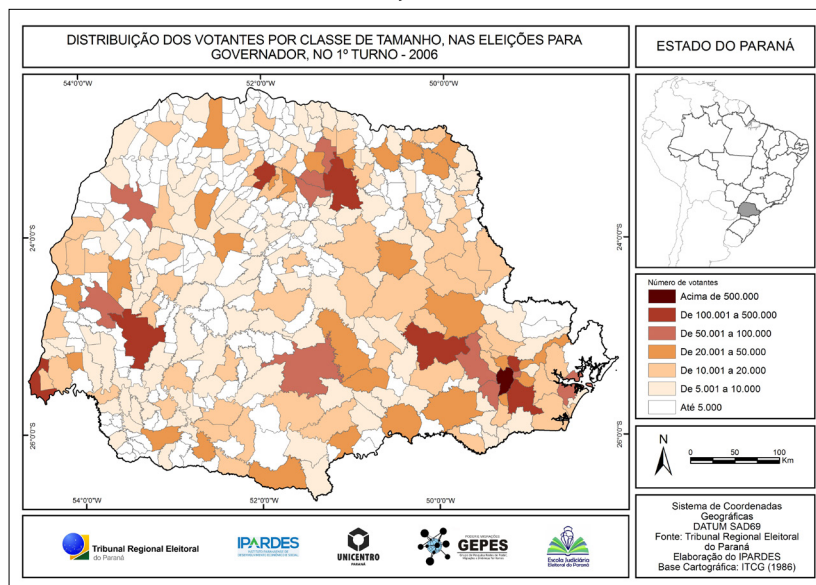


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Abaixo, apresenta-se a Figura 2 que revela a distribuição dos votantes que compareceram ao primeiro turno. Curitiba registrou a presença de 1.047.686 eleitores, seguida por Londrina, figurando na primeira classe. Na segunda classe estão os municípios onde o comparecimento do eleitorado no primeiro turno foi de 100.001 a 500 mil votantes. Dentre os oito municípios que possuem um eleitorado nesta classe de tamanho somente Guarapuava apresentou queda, registrando 90.575 votantes.

Em dez municípios, o comparecimento do eleitorado variou entre 50.001 e 100 mil votantes. Vinte e oito municípios tiveram entre 20.001 e 50 mil votantes. Já na faixa de 10.001 a 20 mil votantes, contabilizaram-se 58 municípios. Em outros 111 os votantes que compareceram ficou entre 5.001 a 10 mil, enquanto, em 184 municípios, esse número foi inferior a cinco mil.

Figura 2 - Distribuição dos votantes paranaense por classe de tamanho, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



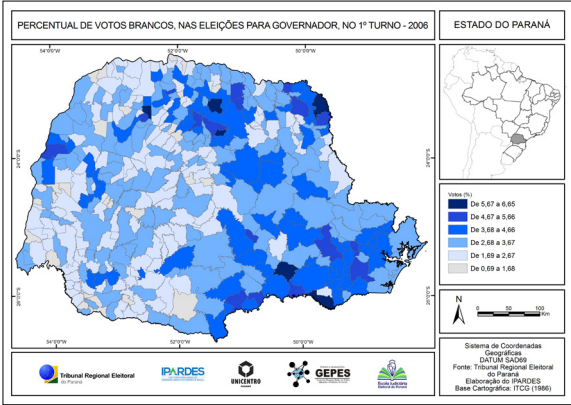
Fonte: TRE-PR (2024); **Organização:** IPARDES (2024)

Dos votantes que compareceram ao primeiro turno das eleições de 2006, 544.773 demonstraram sua insatisfação, revelando que não se sentiam representados pelos nomes e/ou partidos que disputavam o pleito, votando em branco ou anulando o voto.

Dos 213.130 votos em branco, especializados na Figura 3, observa-se que, percentualmente, os municípios de Jacarezinho, Rolândia, São Carlos do Ivaí, Califórnia, São João do Triunfo e Rio Negro enquadram-se no estrato de 0,69 e 1,68%, o maior registrado.

Londrina e Curitiba apresentaram o maior número de votos em branco, contabilizando 11.440 e 40.276 sufrágios. Os demais municípios registraram entre 6.747 e sete votos.

Figura 3 - Percentual de votos brancos, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

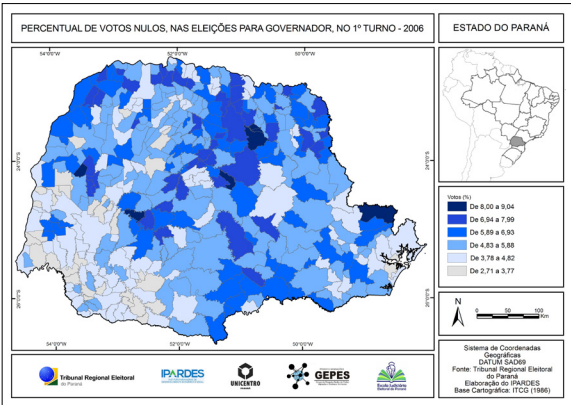


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Brasilândia do Sul, Altamira do Paraná, Rosário do Ivaí, São Jerônimo da Serra, Nova Santa Bárbara, Santa Cecília do Pavão e Adrianópolis, conforme a Figura 4, foram os municípios que registraram o maior percentual de votos nulos, enquadrando-se no estrato de 8 a 9,04%.

Em termos absolutos, Ponta Grossa, com 10.289 votos, Londrina com 21.955 e Curitiba com 63.875 são os municípios com a maior quantidade de votos nulos.

Figura 4 - Percentual de votos nulos, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

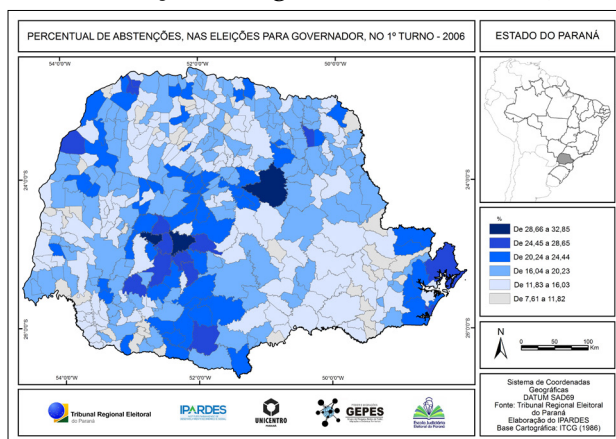


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Os municípios de Ortigueira, Palmital e Altamira do Paraná registraram os maiores índices de abstenção, conforme pode-se constatar na Figura 5. Esse fenômeno pode estar atrelado ao contingente populacional que migrou para outras regiões em busca de melhores condições socioeconômicas e que, porventura, ainda mantém laços afetivos com seu lugar de origem, mantendo, assim, o título de eleitor neste município. Entretanto, parte significativa dos municípios registrou índices de abstenção entre 7,61 e 16,03%.

Ponta Grossa com 28.015 votos, seguido por Cascavel com 31.415, Maringá com 35.818, Foz do Iguaçu com 36.074, Londrina 51.209 e Curitiba com 169.577 foram os municípios que registraram as maiores abstenções em números absolutos. Já Nova Aliança do Ivaí, Miraselva, São Manoel do Paraná e Iguatu apresentaram abstenção inferior a 200 votos. No total, foram registradas 1.153.861 abstenções no primeiro turno dessas eleições.

Figura 5 - Percentual de abstenções, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



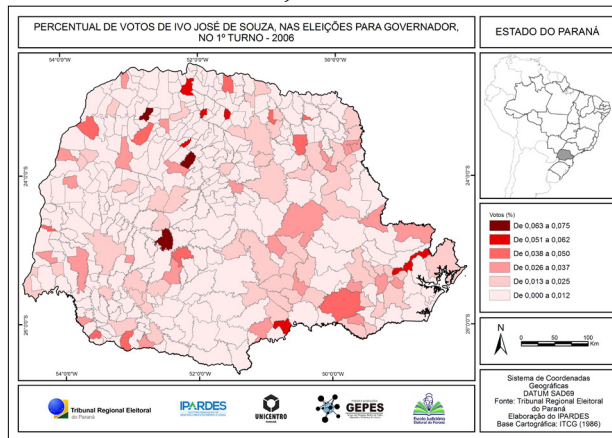
Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

A espacialidade do voto no primeiro turno das eleições governamentais do Paraná em 2006 revela as preferências e escolhas da população paranaense que não se absteve, anulou ou votou em branco, mas que destinou seu voto a uma das 11 candidaturas homologadas.

Ivo José de Souza e Mauri de Souza, ambos do PCO, conquistaram 781 votos, a votação menos expressiva do pleito. A Figura 6 demonstra que os votos foram registrados em 161 municípios, sendo um voto em 81 deles, dois votos em 37 e três em 13 deles. Outros 16 municípios contabilizaram entre 4 e 9 votos, seis entre 10 e 15 votos e sete acima de 16 votos.

Em números absolutos, a maior votação foi registrada em Curitiba com 271 votos, seguido por Londrina com 44 votos e em Cascavel e São José dos Pinhais com 25 e 24, respectivamente. Porém, quanto ao percentual de votos, os municípios de Laranjal, Quinta do Sol e Mirador correspondem ao maior estrato, ou seja, de 0,063% a 0,075%. Na prática, isso reflete a conquista de dois votos em Laranjal e Quinta do Sol e um em Mirador. Como são municípios com população votante reduzida, percentualmente, cada voto representa uma fração significativa do total.

Figura 6 - Percentual de votos do candidato Ivo José de Souza, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

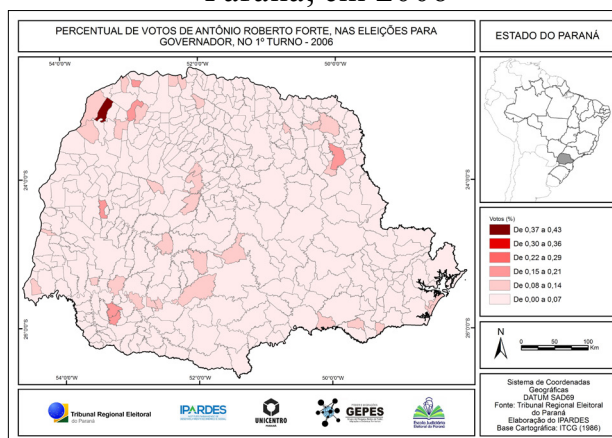
Curitiba é o lugar de nascimento e domicílio eleitoral dos candidatos do PCO, o que ajuda a explicar a votação obtida, bem como, ao fato de se tratar do maior colégio eleitoral do estado, seguido de Londrina.

A segunda menor votação, totalizando 2.119 votos, refere-se à candidatura de Antônio Roberto Forte e Sandra de Paula, ambos do PSL. Esses candidatos receberam votos em 287 municípios, sendo que em 81 deles obtiveram um voto, em 63 dois votos e em 40 três votos.

De acordo com a Figura 7, a maior porcentagem de votos alçada pelos candidatos foi em Santa Cruz de Monte Castelo, na mesorregião noroeste paranaense, situando-se no estrato de 0,37 a 0,43% dos votos válidos. Contudo, em números absolutos, as maiores votações ocorreram em São José dos Pinhais com 50 votos, Ponta Grossa com 62, Foz do Iguaçu com 97, Londrina com 158 e Curitiba com 543. Assim como no caso do candidato Ivo, a votação mais expressiva se concentra nos dois maiores colégios estaduais do estado.

Ademais, ambos os candidatos residem em Curitiba, Forte é natural de Cândido Mota (SP) e foi um dos fundadores do PSL, em 1995, ao lado de Luciano Bivar (Folha de Londrina, 2006).

Figura 7 - Percentual de votos do candidato Antônio Roberto Forte, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



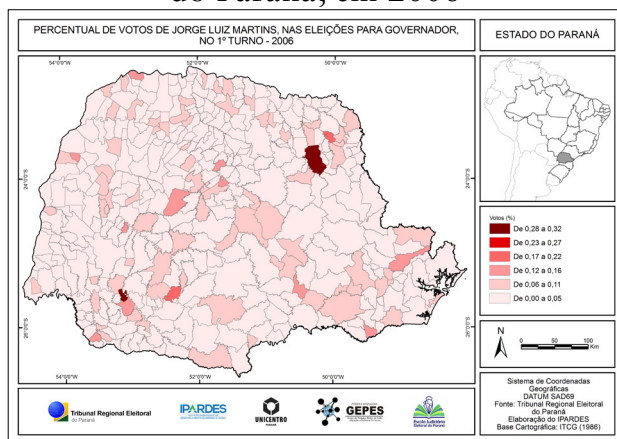
Fonte: TRE-PR (2024); **Organização:** IPARDES (2024)

Jorge Luiz Martins e Acácio de Oliveira, candidatos a governador e vice-governador pelo PRP, conquistaram 2.400 votos, ocupando a nona classificação. Como nos casos anteriores, ambos os candidatos residiam em Curitiba, sendo neste

município e em Londrina onde obtiveram suas maiores votações, obtendo 781 e 99 votos, respectivamente. Ainda se destacam os municípios de Colombo com 72 votos, Ponta Grossa com 64 e São José dos Pinhais com 58.

Ibaiti, no norte paranaense, e Cruzeiro do Iguaçu, na mesorregião sudeste do estado, são os municípios em que os candidatos alcançaram a maior porcentagem de votos, figurando no estrato de 0,28 a 0,32, como pode ser visualizado na Figura 8.

Figura 8 - Percentual de votos do candidato Jorge Luiz Martins, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



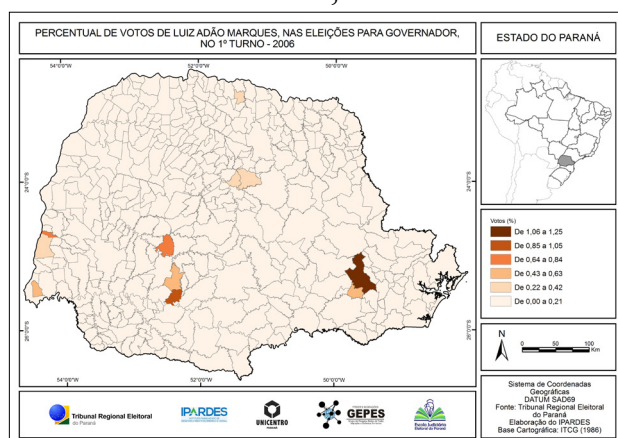
Fonte: TRE-PR (2024); **Organização:** IPARDES (2024)

Luiz Adão Marques e Regiany Pavese, ambos filiados ao PSDC, lançaram a candidatura sem coligação. Ele é advogado de formação, natural de Caçador/SC e residente em Campo Largo; ela é pedagoga e residente em Curitiba. Esta foi a primeira eleição que concorreram aos cargos de governador e vice-governador do estado, recebendo 3.023 votos em 225 municípios, sendo que em 79 deles cooptaram um voto e dois em 39.

As maiores votações, considerando os números absolutos, foram em Curitiba com 694 votos, Campo Largo com 687, Londrina com 112; Colombo, com 111; e Laranjeiras do Sul, com 76. Diferente dos candidatos mencionados anteriormente, Londrina ficou na terceira posição, predominando a votação na região metropolitana. Quanto ao percentual, observa-se,

conforme Figura 9, que o município de Campo Largo - região metropolitana - figura no estrato de 1,06 a 1,25%, seguido de Porto Barreiro - na região centro-sul - com 0,85 a 1,05%, conferindo à dupla as duas maiores porcentagens recebidas.

Figura 9 - Percentual de votos do candidato Luiz Adão Marques, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

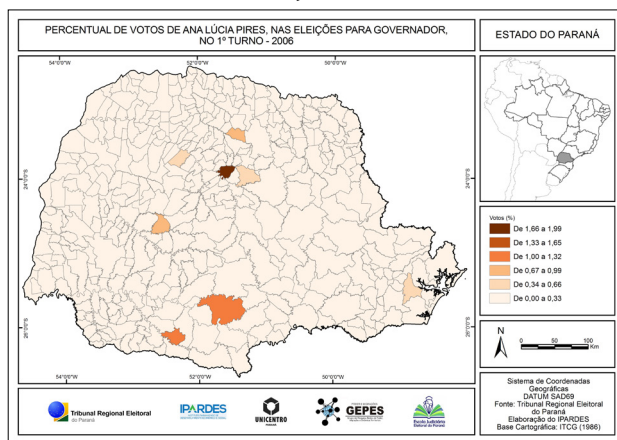
O PRTB lançou candidatura única para a chapa, sem coligações, sendo Ana Lúcia Pires - professora do ensino fundamental, natural de Arapongas/PR e residente em Colombo/PR - e Cristiane Margaridi, as escolhidas. Ana Lúcia e Cristiane alcançaram 9.993 votos, registrados em 353 municípios, sendo que 325 obtiveram entre 1 e 49 votos, 11 entre 50 e 99 e 17 acima de 100 votos.

Destes 17 municípios, destacam-se Foz do Iguaçu, Maringá, Colombo e Cascavel, com votação entre 219 e 290 sufrágios, seguidos por São José dos Pinhais com 334, Ponta Grossa e Arapongas com 407 e 412, Londrina com 604 e Curitiba com 2.996 votos. Aqui, novamente, observa-se que as votações mais robustas foram obtidas nos dois maiores colégios eleitorais do estado.

Percentualmente, de acordo com a Figura 10, os municípios de Borrazópolis (98 votos) figurando no estrato de 1,66 a 1,99% seguido por Pinhão (195) e Honório Serpa (45) na faixa

de 1,33 a 1,65%, são os municípios que registraram os maiores percentuais de votos.

Figura 10 - Percentual de votos da candidata Ana Lúcia Pires, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

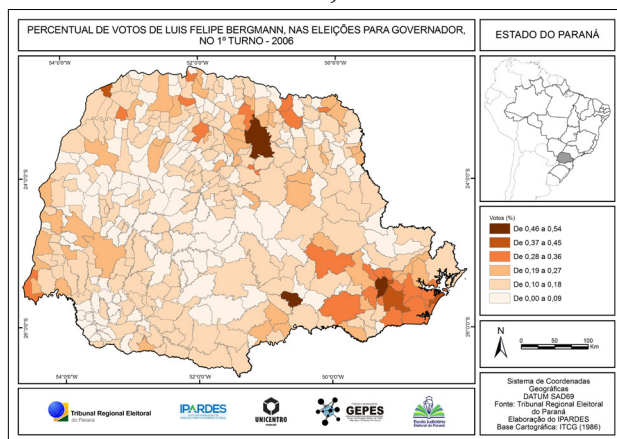


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Luiz Felipe Bergmann (PSOL), natural de Toledo, e Wilson Previdi (PCB), candidatos pela coligação da Frente de Esquerda do Paraná, obtiveram 14.914 votos espalhados por 377 municípios. Em 342 municípios, a votação variou entre 1 e 40 votos; em 14, entre 50 e 99 votos; e em 21, superaram 100 votos. As maiores votações, em números absolutos, foram registradas em Araucária, Paranaguá e Pinhais com 215 a 261 votos, seguidos por Colombo e Cascavel com 318 e 360 votos, respectivamente. São José dos Pinhais, Foz do Iguaçu, Ponta Grossa e Maringá tiveram 467 e 541 votos.

Percentualmente, os maiores índices foram registrados nos municípios de Curitiba, Londrina e Rebouças, onde a dupla obteve entre 0,46 a 0,54% dos votos válidos, conforme a Figura 11 demonstra. Curitiba e Londrina respondem, respectivamente, a 5.043 e 1.333 dos votos alçados pela dupla, sendo os dois locais mais expressivos, tanto em números absolutos quanto em percentuais. Já em Rebouças, receberam 38 votos.

Figura 11 - Percentual de votos do candidato Luiz Felipe Bergmann, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



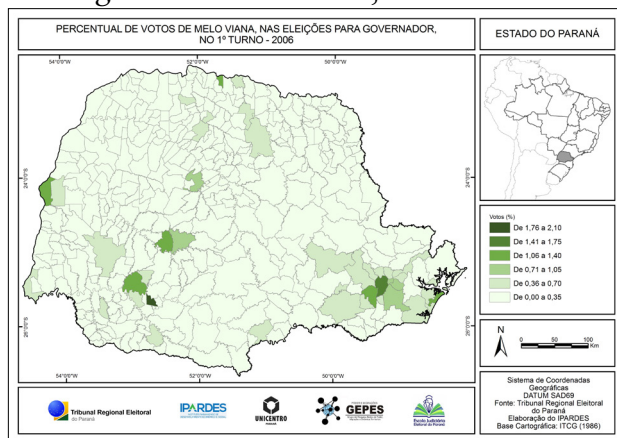
Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024).

Antonio Jorge Melo Viana é natural de Vitória da Conquista/BA e está pela segunda vez na disputa governamental paranaense, agora ao lado de Edna Belini, residente em Lupionópolis, ambos são candidatos do PV e não coligaram. A dupla conquistou 30.501 votos, distribuídos por 371 municípios. Em 321 deles, conseguiram entre 1 e 49 votos; em 20, entre 50 e 99; e em 30, mais de 100 votos.

Dentre os 30 municípios que registraram mais de 100 votos, destaca-se os casos de Colombo, com 541; Pinhais com 583; Cascavel com 602; Foz do Iguaçu com 645; Araucária com 714; Ponta Grossa com 809; São José dos Pinhais com 924; Maringá com 964; e Londrina, com 1.729.

Conforme Figura 12 ao considerar os estratos percentuais, foi em Sulina, município do sudoeste do estado, e com aproximadamente 3.500 habitantes, onde os candidatos tiveram os melhores índices, obtendo de 1,76% a 2,10% da votação, o que corresponde a 46 votos. Na sequência, aparece Curitiba, com 1,41% a 1,75%, o que perfaz a quantia de 14.897 votos, município onde os candidatos tiveram o maior número de votos absolutos.

Figura 12 - Percentual de votos do candidato Antônio Jorge Melo Viana, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

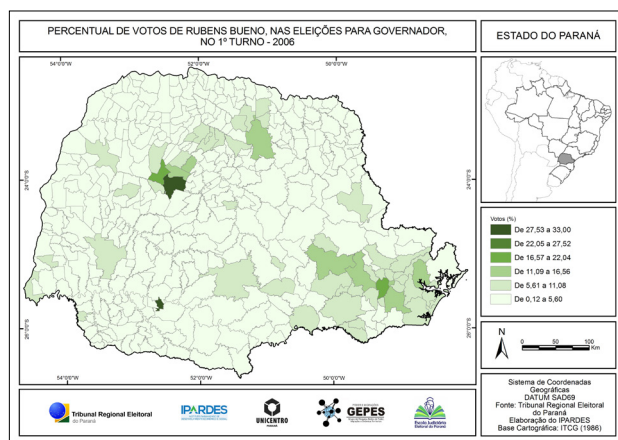


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Rubens Bueno (PPS) e Marcelo Puppi (PFL), concorreram pela coligação Voto Limpo, obtendo votos em todos os municípios do estado, totalizando 437.689 votos. Rubens Bueno, natural de Sertãoópolis e residente em Curitiba, era mais conhecido no meio político em comparação aos demais candidatos apresentados, pois já havia atuado como deputado estadual (1983-1986 e 1987-1991), deputado federal (1991-1992 e 1999-2003) e prefeito de Campo Mourão (1993-1996) (Câmara dos Deputados (b), 2024). Ademais, já havia disputado os pleitos de 2002 para o Governo do Estado e de 2004 para a prefeitura de Curitiba. Marcelo Puppi já havia disputado as eleições de 1988 para deputado estadual e 2004 para vereador em Campo Largo, sendo eleito.

Em 204 municípios, angariaram entre 1 e 99 votos; em outros 145, entre 100 e 999 e em 50, mais de mil votos. O destaque vai para São José dos Pinhais, com 15.845; Maringá, com 17.136; Ponta Grossa, com 21.011; Londrina, com 27.942; e Curitiba, com 163.410. Campo Mourão, com 14.581; e Saudade do Iguaçu, com 725 votos, figuram como os municípios onde os candidatos obtiveram a maior porcentagem de votos, variando entre 27,53% a 33%, conforme a Figura 13.

Figura 13 - Percentual de votos do candidato Rubens Bueno, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

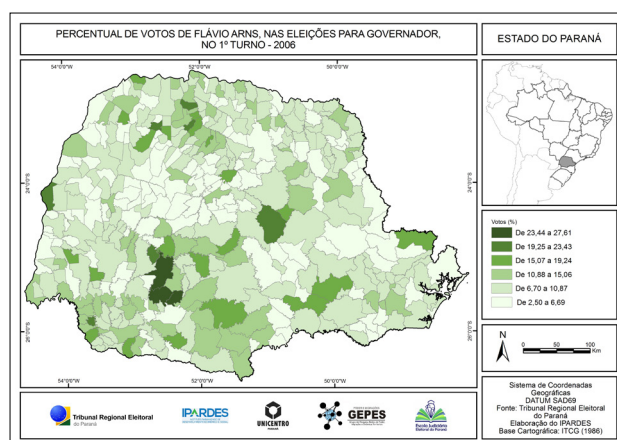
Flávio Arns (PT), natural e residente em Curitiba, foi deputado federal (1991-1994, 1995-1998 e 1999-2002) e Senador (2003-2010) (Câmara dos Deputados (a), 2024). Pleiteou ao cargo de governador enquanto ocupava a posição de senador, mas, como não foi eleito, deu continuidade ao seu mandato no Senado. Arns também era conhecido no estado por atuar ao lado de sua tia, Zilda Arns, criando a Pastoral da Criança (Flávio Arns, 2024). Vitor Hugo Burko (PL), o candidato a vice-governador, era natural de Guarapuava onde atuou como vereador e foi prefeito por dois mandatos consecutivos (1997-2000 e 2001-2004).

Estes lançaram-se candidatos pela coligação Paraná Unido e obtiveram 506.825 votos, tendo representação nos 399 municípios paranaenses. Em 306 municípios, conquistaram entre 42 e 999 votos; em 86 entre mil e nove mil; e em sete, um montante superior a mil votos. Os maiores números de votos absolutos foram registrados em Cascavel (11.850), Ponta Grossa (13.613), São José dos Pinhais (15.076), Foz do Iguaçu (15.555), Londrina (16.262), Maringá (20.588) e Curitiba (90.617).

A Figura 14 revela os municípios onde os candidatos angariaram o maior percentual de votos, ou seja, entre 23,44% e 27,81%. Nova Laranjeiras, Rio Bonito do Iguaçu e Porto

Barreiro se enquadraram neste estrato, computando 1.183, 1.700 e 616 votos, respectivamente. Em Guarapuava, município de Burko, receberam 7.174 votos, o que se encaixa no percentil de 6,70% a 10,87%.

Figura 14 - Percentual de votos do candidato Flávio Arns, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

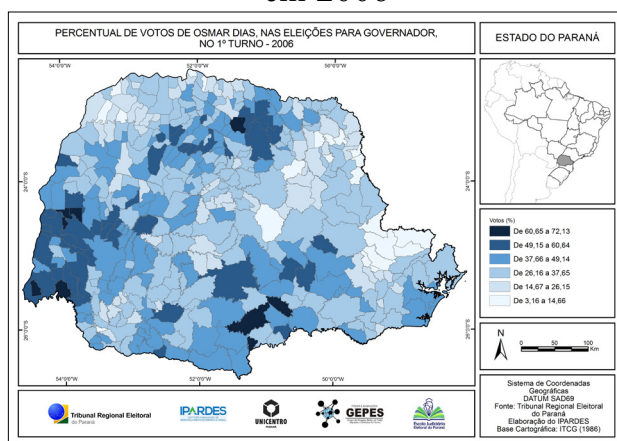
Osmar Dias (PDT) é natural de Quatá/SP, mas residia no norte paranaense. Ao lado de seu irmão, Álvaro Dias, eram figuras conhecidas no cenário político paranaense, atuando na Secretaria Estadual de Agricultura (1991-1994) e como senadores por dois mandatos consecutivos (1995-2003 e 2003-2011) (CPDOC | FGV (a), 2024). Derli Donin (PP), candidato da chapa como vice-governador, era de Toledo, onde atuou como prefeito por dois mandatos sucessivos (2005-2008 e 2009-2012).

Osmar Dias e Derli Donin representavam a coligação Paraná de Verdade e conquistaram o segundo lugar no primeiro turno das eleições de 2006, atingindo 2.093.161, distribuídos entre os 399 municípios do estado. Em 366 municípios, obtiveram entre 1 e 9.999 votos; em 18, entre 10 mil e 19.999; em 5, entre 20 mil e 29.999; em 3, entre 30 mil e 39.999; em 1, entre 40 mil e 49.999; e em 6, acima de 50 mil. As votações mais expressivas em números absolutos, ocorreram em Cascavel com 61.999 votos; Ponta Grossa, com 71.885; Foz do Iguaçu, com 72.173;

Maringá, com 82.759; Londrina, com 140.762; e Curitiba com 314.628. Em Toledo, conseguiram 30.629.

Rolândia, Maripá, Nova Santa Rosa, Quatro Pontes, Santa Terezinha de Itaipu, Serranópolis do Iguaçu, Porto Vitória, Cruz Machado e Rio Azul, de acordo com a Figura 15, foram os municípios onde os candidatos obtiveram a maior porcentagem de votos, classificando-se no estrato de 60,65% a 72,13%.

Figura 15 - Percentual de votos do candidato Osmar Dias, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

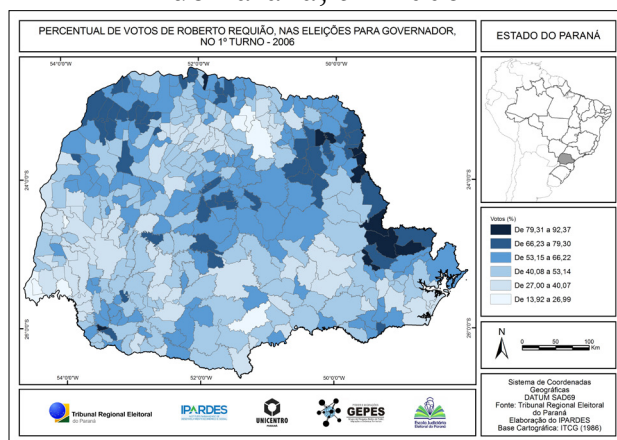
O curitibano, Roberto Requião (PMDB) tinha uma atuação política consolidada no estado, sendo governador por duas vezes (1991-1994 e 2003-2006) e senador entre 1995-2002 (CPDOC | FGV (b), 2024). Em 2006 estava concorrendo ao seu terceiro mandato como governador. Orlando Pessuti (PMDB), natural de Califórnia/PR, foi deputado estadual por cinco mandatos consecutivos (1983-1986, 1987-1990, 1991-1994, 1995-1998 e 1999-2002) e vice-governador do estado (2003-2006) (ALEP, 2024).

Nas eleições de 2006, disputavam a reeleição através da coligação Paraná Forte, obtendo 2.321.217 votos, que estavam dispersos por todos os municípios paranaenses, conferindo-lhes a primeira colocação na disputa do primeiro turno. Em 357 municípios, obtiveram entre 1 e 9.999 votos; em 22, de 10 mil

a 19.999; em 11, de 20 mil a 29.999; em 3 de 30 mil a 39.999; em 1, de 40 mil a 49.999; e em 5, contabilizaram uma votação superior a 50.000. Ponta Grossa, Cascavel, Maringá, Londrina e Curitiba registraram o maior número absoluto de votos válidos recebidos por esta chapa, sendo, 50.570, 51.284, 52.687, 58.437 e 349.655 votos, respectivamente.

Percentualmente, conforme Figura 16 demonstra, os municípios de Santa Inês, Jundiá do Sul, Conselheiro Mairinck, Salto do Itararé, Santana do Itararé, São José da Boa Vista, Doutor Ulysses, Cerro Azul, Tunas do Paraná, Itaperuçu e Pinhal de São Bento conferiram a estes uma votação que se enquadra no estrato percentual de 79,31% a 92,37%.

Figura 16 - Percentual de votos do candidato Roberto Requião, referente ao primeiro turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); **Organização:** IPARDES (2024)

Requião liderava as pesquisas com uma margem suficiente para se reeleger em primeiro turno, porém nas últimas semanas que antecederam às eleições, sua campanha foi fortemente impactada pela prisão de Délcio Ravera, ex-assessor da Casa Civil, apontado pelo Ministério Público como comandante de um esquema de escutas telefônicas ilegais. Requião “acusou parte da imprensa de ‘montagem’ contra seu governo. Citou a RPC (Rede Paranaense de Comunicação) e a ‘Gazeta

do Povo' como promotores de uma suposta articulação para atingir sua candidatura" (Tortato, 2006, s/p.).

Depois disso, as pesquisas de véspera realizadas pelo Ibope e Datafolha foram alvo de representação pela equipe jurídica da coligação Paraná Forte, sob a alegação de fraude. O Datafolha divulgou os resultados de sua pesquisa dando "a entender que o ponto percentual reclamado por Delazari foi fracionado entre os cinco candidatos do fim da lista" (Tortato, 2006, s/p.).

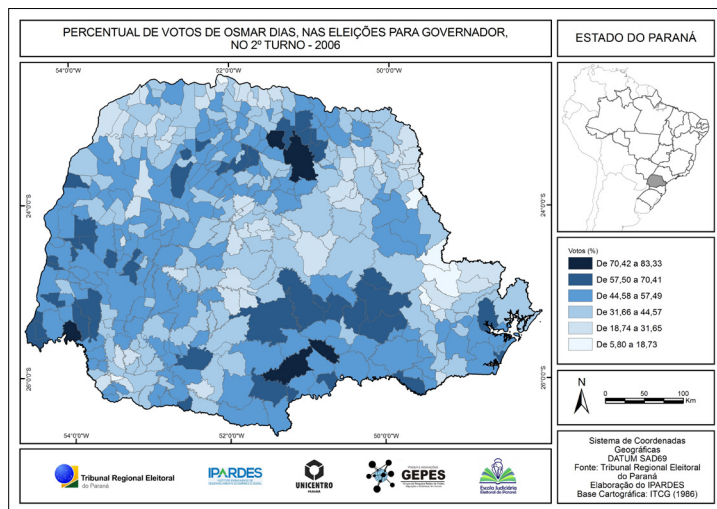
É neste cenário tumultuado que Osmar Dias e Roberto Requião obtiveram os melhores resultados nesta etapa da eleição, mas não o suficiente para se elegerem em primeiro turno, embora tenham polarizado o pleito. Assim, em 29 de outubro daquele ano, disputaram o segundo turno das eleições.

Segundo turno: a espacialidade do voto

A disputa pela governabilidade do cargo acirrou-se no segundo turno. Dias, conforme Figura 17, obteve de 70,42% a 83,33% dos votos nos municípios de Londrina, Rolândia, Serranópolis do Iguaçu, Cruz Machado e Rio Azul. Já em São José da Boa Vista, Iracema do Oeste, Altamira do Paraná, Pinhal de São Bento, Itaperuçu, Cerro Azul e Doutor Ulysses, obteve os menores percentuais, ou seja, de 5,80% a 18,73% dos votos.

Em números absolutos, obteve votação inferior a mil votos em 84 municípios; em 231, entre mil e 4.999 votos; em 42, entre cinco mil e 9.999 votos; em 21, de 10 mil a 19.999 votos, em 9, de 20 mil a 29.999 votos; em 3, na faixa de 30 mil a 39.999 votos; Paranaguá contabilizou pouco mais de 40 mil votos; Guarapuava e São José dos Pinhais ficaram no estrato dos 50 mil; Cascavel, dos 70 mil; Foz do Iguaçu, com mais de 82 mil votos; Maringá e Ponta Grossa, com votos no estrato dos 90 mil; e Londrina e Curitiba, com mais de cem mil e 400 mil, respectivamente.

Figura 17 - Percentual de votos do candidato Osmar Dias, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

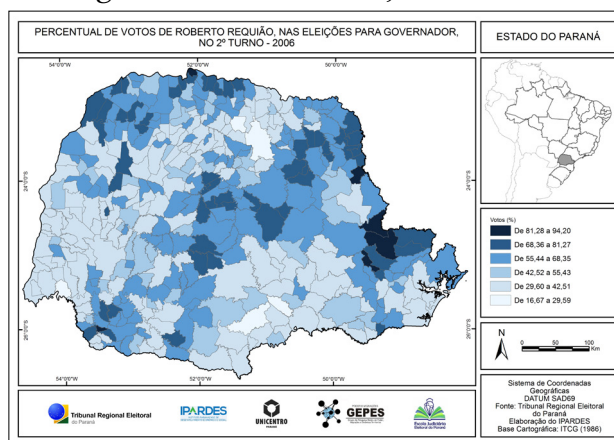


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Os estratos percentuais atingidos por Requião são superiores aos de Dias, conforme pode ser verificado nas Figuras 17 e 18. O maior estrato, 81,28% e 94,20%, corresponde aos municípios de Jardim Olinda, Pinhal de São Bento, Itaperuçu, Cerro Azul, Doutor Ulysses e São José da Boa Vista. No menor estrato, de 16,67% a 29,59%, estão os municípios de Londrina, Rolândia, Serranópolis do Iguaçu, Cruz Machado e Rio Azul.

Em números absolutos, obteve votação inferior a mil votos em 20 municípios, entre mil e 4.999 votos em 280, entre cinco mil e 9.999 votos em 57, de 10 mil a 19.999 votos em 17, de 20 mil a 29.999 votos em 11, de 30 mil a 39.999 votos em 6, Foz do Iguaçu contabilizou pouco mais de 43 mil votos, três municípios ficaram no estrato dos 50 mil, dois no de 60 mil, Maringá com mais de 73 mil e Curitiba com mais de 450 mil votos.

Figura 18 - Percentual de votos do candidato Roberto Requião, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

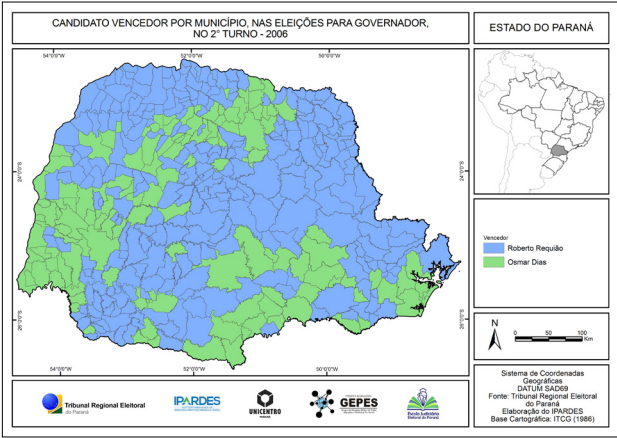
Requião logrou êxito no pleito. Percentualmente, a diferença foi pequena, uma vez que Osmar Dias atingiu 49,9% dos votos, enquanto Requião obteve 50,10%, uma diferença de 10.479 votos, num total de 5.326.743 votos válidos. A especialização da Figura 19 permite analisar os municípios onde os candidatos conquistaram a maioria dos votos.

Dias obteve mais votos que Requião em 129 municípios, ou seja, em 32,3% do total. Percentualmente, a maior diferença ocorreu no município de Cruz Machado com 83% dos votos válidos, seguido por Rolândia com 78%, Serranópolis do Sul com 75%, Rio Azul e Londrina com 72% e Porto Vitória com 70% dos votos válidos. Em termos absolutos, a maior diferença foi registrada em Londrina, com 107.357 votos, seguida por Foz do Iguaçu, com 39.420, Ponta Grossa com 38.218, Maringá com 24.152, Guarapuava com 18.819, Rolândia com 16.841, Cambé com 13.298 e Paranaguá com 10.668. Nos demais municípios, a diferença foi inferior a 8.610 votos, sendo as menores registradas em Maria Helena, com cinco votos, e Miraselva, com nove.

Em Curitiba, o maior colégio eleitoral, a vitória também foi de Dias, com uma diferença de 587 votos, 50% dos votos válidos para cada candidato. Dias logrou êxito nos dois

maiores colégios eleitorais, porém a diferença foi mínima - especialmente em Curitiba - e isso não lhe conferiu a vitória.

Figura 19 - Candidato vencedor de acordo com o município, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Nos outros 270 municípios, a vitória foi de Requião, que obteve os melhores resultados percentuais em Cerro Azul (94% dos votos válidos), Doutor Ulysses com (86%), Pinhal de São Bento com (85%), Jardim Olinda com (84%), Itaperuçu com (83%), São José da Boa Vista com (82%) e Rio Branco do Sul (80% dos votos válidos).

Em números absolutos, a maior votação de Requião foi obtida em Colombo com 56.866 votos. Na sequência estão Apucarana com 34.431, Campo Largo com 33.142, Araucária com 32.847 e Pinhais com 31.498 votos válidos. Em sete destes municípios, a votação recebida foi entre 20.854 e 27.889 mil votos, enquanto em 10 municípios ficou entre 10.140 e 19.426 votos. Nos demais, a quantidade de votos foi inferior a 9.949, destacando-se a menor diferença em Tapejara, onde a diferença foi de apenas um voto: Requião obteve 3.616 votos e Dias, 3.615.

Durante a campanha eleitoral para o segundo turno,

Osmar Dias liderou as pesquisas de opinião até a última semana da campanha eleitoral, e a reeleição de Requião foi atribuída ao apoio dado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e à presença do presidente da República, Luís Inácio Lula

da Silva, em comícios ao lado do candidato na fase final da campanha (CPDOC | FGV, s.p.).

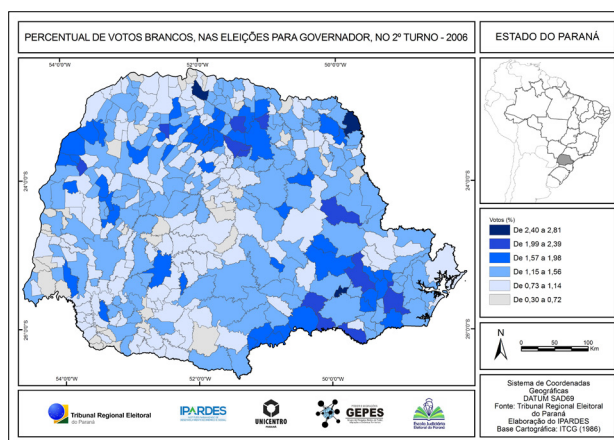
O apoio de Lula à Requião foi importante ao somar votos, especialmente dos apoiadores do PT e, em 2006, foi o ano de maior aceitação de Lula no estado paranaense, pois se

[...] compararmos o desempenho de Lula no primeiro turno de 2006 com as eleições de 1989 a 1998, é possível perceber um crescimento eleitoral do candidato no estado. Lula passou de 8,5% de votos no Paraná em 1989, para 22,7% em 1994, 27,28% em 1998, 50,1% em 2002 (eleição crítica) e 37,9% em 2006. A diferença é que em 2006 ele está integrado à elite política governante e passa a ser julgado não mais por suas promessas de mudança no mundo futuro, mas pelos atos concretos de seu governo no mundo atual (Cervi, 2006, s.p.).

Os votos em branco computados no segundo turno tiveram uma queda se comparados ao primeiro turno. No primeiro turno, totalizaram-se 213.130 votos em branco, enquanto que no segundo turno foram 88.774, uma redução de 58%.

Ribeirão Claro, Colorado e Porto Amazonas foram os municípios que registraram o maior percentual de votos em branco, encaixando-se no estrato entre 2,40% e 2,81%, conforme a Figura 20 revela.

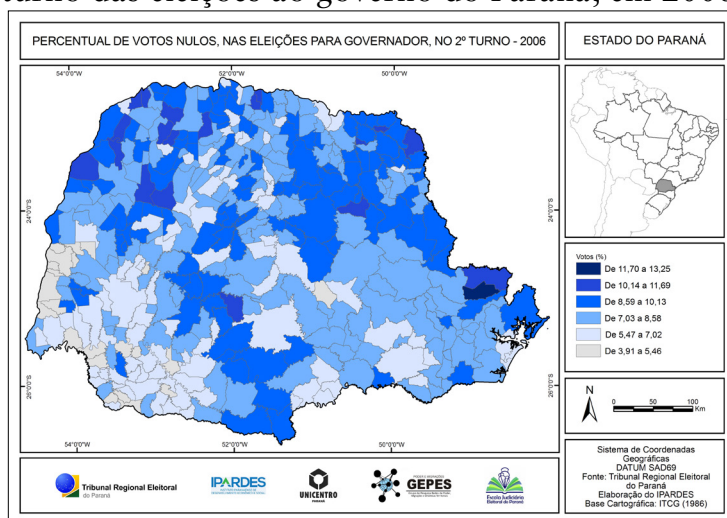
Figura 20 - Percentual de votos brancos, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Já a votação nula teve um incremento, sendo que Tunas do Paraná registrou o maior percentual, entre 11,70% e 13,25% dos votos. Em Curitiba o registro foi entre 7,03% e 8,58%, e em Londrina, entre 8,59% a 10,13%, como pode ser verificado na Figura 21. No primeiro turno, foram registrados 331.643 votos nulos, e no segundo ocorreu um incremento de 37%, subindo para 455.079.

Figura 21 - Percentual de votos nulos, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006

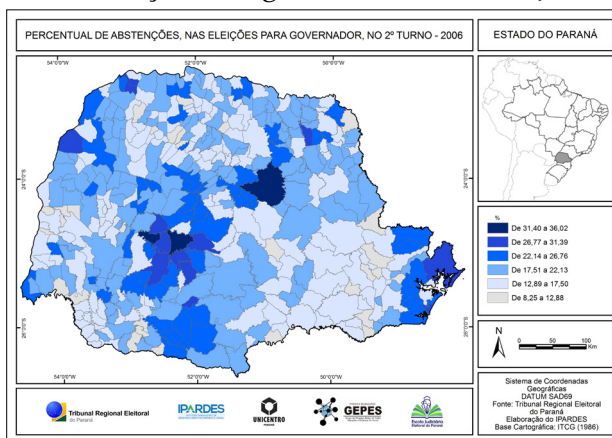


Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

O percentual de abstenções também aumentou em relação ao primeiro turno, e os municípios de Ortigueira, Palmital e Altamira do Paraná continuaram liderando esse índice, figurando entre 31,40% e 36,02%, como pode ser observado na Figura 22.

No primeiro turno, foram registradas 1.153.861 abstenções, e no segundo, houve um incremento de 96.800, totalizando 1.250.661 abstenções, o que representa um aumento de 8,39%.

Figura 22 - Percentual de abstenções, referente ao segundo turno das eleições ao governo do Paraná, em 2006



Fonte: TRE-PR (2024); Organização: IPARDES (2024)

Considerando as abstenções e o tamanho do eleitorado, averiguou-se que o comparecimento às urnas no primeiro turno foi de 5.967.396 eleitores, em detrimento aos 5.870.596 do segundo turno, ou seja, um decréscimo de 1,65%. No segundo turno, observou-se a diminuição dos votos brancos. Desse modo, pode-se imaginar que os eleitores indecisos no primeiro turno foram captados pelas estratégias eleitorais dos candidatos. No entanto, os números absolutos, revelam a transferência dos votos brancos para nulos. Assim, o montante de brancos e nulos no segundo turno supera os do primeiro.

Com 10.479 votos, o equivalente a 0,2% dos votos válidos, Requião e Pessuti, representando o PMDB e a coligação Paraná Forte, conquistaram a governança do estado ao disputar o segundo turno, demonstrando que a polarização do pleito foi acirrada e que a diferença entre os candidatos foi mínima, sendo que nenhum candidato conseguiu a clivagem entre a capital e o restante do estado.

Considerações finais

A eleição para o governo do Paraná em 2006 foi marcada pelo número de candidaturas ao cargo, o maior até então

registrado. Isso ampliou o leque de escolhas dos paranaenses, mesmo que o pleito tenha se mostrado polarizado desde o primeiro turno, destacando o favoritismo dos candidatos Requião e Dias.

O pleito revelou como o apoio dos candidatos à presidência da república e das coligações formadas é importante e pode ser decisivo, pois pode angariar ou repelir votos. Ademais, demonstrou que o local da antiga residência e seus arredores podem render bons votos aos seus representantes, como foi o caso de Dias na região de Londrina e Maringá.

As eleições vão além do plano de governo e das promessas de campanha. Elas estão inseridas em um cenário de intensas relações de poder, no qual a escolha dos candidatos, a formação das coligações, as tratativas de apoio e as estratégias de marketing para captar votos e fundos são engendradas no âmago dos partidos políticos e projetadas na sociedade para que esta os valide e eleja seus representantes.

REFERÊNCIAS

- ALEP - Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. *Orlando Pessuti: biografia*. Curitiba, 2024. Disponível em <https://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/orlando-pessuti>. Acesso em 15 out. 2024.
- BARROS, Omar Neto Fernandes. *Eleições no Paraná: 1998 – 2010*. In.: Confins, 10, 2010. Disponível em: <http://confins.revues.org/6671>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS (a). *Flávio Arns: biografia*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73771/biografia>. Acesso em 15 out. 2024.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS (b). *Rubens Bueno: biografia*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73466/biografia>. Acesso em 15 out. 2024.
- CERVI, Emerson Urizzi. *Lula e os eleitores do Paraná*. In.: Gazeta do Povo, 2006. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/lula-e-os-eleitores-do-parana-a8aj4m1cdvnqkfb3516plflfy/>. Acesso em 15 de out. 2024.
- COSTA, Wanderley Messias da. Prefácio. In.: THÉRY, Hervé; MELLO, Neli Aparecida. *Atlas do Brasil. Disparidades e dinâmicas do território*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 312.
- CPDOC | FGV (a). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil | Fundação Getúlio Vargas. *Osmar Dias: verbete*. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dias-osmar>. Acesso em 15 out. 2024.
- CPDOC | FGV (b). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil | Fundação Getúlio Vargas. *Roberto Requião: verbete*. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/roberto-requião-de-melo-e-silva>. Acesso em 15 out. 2024.
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Os vários Paranas: identificação de espacialidades socioeconômico-institucionais como subsídio a políticas de desenvolvimento regional*. Curitiba: IPARDES, 2006.
- FLÁVIO ARNS. *Linha do tempo*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.flavioarns.com.br/linha-do-tempo/>. Acesso em 15 out. 2024.

FOLHA DE LONDRINA. *Candidato do PSL quer encampar o pedágio*. Folha de Londrina: Londrina, 2006. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/politica/candidato-do-psl-quer-encampar-o-pedagio-576740.html?d=1>. Acesso em 09 out. 2024.

THÉRY, Hervé; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida. *Disparidades e dinâmicas do território brasileiro*. In.: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina. Havana: 2015.

TORTATO, Mari. *Segundo turno será entre PMDB e PDT*. In.: Folha de S. Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0210200682.htm>. Acesso em 15 de out. 2024.

TRE/PR - Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. *Eleitorado em 2006*. Curitiba: 2006. Acesso em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset/eleitorado-2006>. Acesso em 12 de fev. de 2024.

TRE/PR - Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. *Eleições de 15 de novembro de 1986*. Curitiba: 1986. Acesso em: [tre-pr-eleicoes-gerais-1986-1-turno.pdf](#). Acesso em: 12 de fev. de 2024.

TSE - Tribunal Superior Eleitoral. *Candidaturas e resultados*. Brasília: 2006. Acesso em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2006/candidaturas-e-resultados>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.